

2009

# Um homem normal

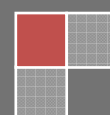
## Ípsilon, Público

30 Janeiro 2009

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

30/1/2009



Um homem “normal”

Miguel Vale de Almeida

Escrevo estas linhas no dia da tomada de posse de Obama, o presidente que ficará conhecido pela ressuscitação da ideia de “esperança”. Essa ideia, tão cara ao imaginário otimista, mesmo utópico e, por vezes, messiânico, dos americanos – e que cala ainda mais fundo na cultura afro-americana, politicamente madura no dia do discurso “I have a Dream” de Martin Luther King, em 1963. Talvez um preconceito difuso e generalizado não nos deixe imaginar a “esperança” como ideia anímica mobilizadora dos gays e das lésbicas. Mas foi-o, e há uns bons trinta anos, pela boca de Harvey Milk. O seu “Give Them Hope” foi proferido em 1978 durante mobilizações gay e lésbicas que se opunham a uma proposta legislativa que defendia a expulsão dos professores do ensino público que fossem assumidamente homossexuais ou que participassem no movimento pelos direitos de gays e lésbicas. Mas de que esperança falava ele? Não da esperança enquanto sentimento vago, relativo a algo de bom que está para vir. O conceito aparece no discurso sob a forma de um apelo: “Dêem-lhes esperança”. A quem? Às personagens paradigmáticas a quem o discurso foi endereçado: o jovem rapaz ou a jovem rapariga que sofre a homofobia da sua cidadezinha natal, algures na América profunda e que anseia por fugir para uma cidade como São Francisco.

Harvey Milk não pareceria, à partida, um bom candidato a herói e mártir do movimento gay e lésbico. Ele não vinha de uma dessas pequenas cidades onde vigoravam as leis anti-sodomia ou onde o crime homofóbico tinha consequências muitas vezes ainda mais trágicas – como no caso do assassinato, após tortura, do jovem Matthew Shepard, e isto já em 1998. Oriundo de uma família judia da classe média baixa, na costa Leste, Milk pôde aceder ao ambiente alternativo e cosmopolita de Nova Iorque, onde em 1969 se deu a revolta de Stonewall, momento fundador do movimento gay e lésbico. Mas foi mais a onda contra-cultural dos anos 60, marcada pelo movimento *hippie* e anti-guerra que o seduziu para fora do seu namoro inicial com o conservadorismo. A contra-cultura como, aliás, também o movimento das mulheres, mostravam provavelmente mais dinâmica do que o incipiente associativismo gay e lésbico vindo dos finais dos anos cinquenta e inícios de sessenta, marcado por muita homofobia internalizada – na Mattachine Society, por exemplo, era obrigatório envergar fato e gravata para “não parecer mal” (leia-se, para não parecer gay). Mas os relatos das relações de Harvey – de namoro, vida em comum, ou amizade – estão recheados dos dramas próprios da

vida dos gays daquela época: tratamentos com electrochoques em hospitais psiquiátricos, prisões arbitrárias em rusgas policiais, despedimentos, expulsões de casa pela família, ou suicídio. Numa das suas deambulações pelo país, nessa itinerância própria de quem “só está bem onde não está”, Milk apaixonar-se-ia por São Francisco.

São Francisco, como tão bem descreveu e analisou o sociólogo Manuel Castells nos anos oitenta, foi a primeira cidade a passar por uma transformação urbana por via da criação de um bairro marcado pela identidade gay e lésbica – o Castro. A concentração de homossexuais num bairro que se degradara desde a sua origem católica e irlandesa, não foi no início um caso de gentrificação, como mais tarde aconteceria noutras cidades. Foi um autêntico caso de criação de um refúgio, para os jovens e menos jovens a quem era necessário “dar esperança”. Milk estabeleceu-se no Castro abrindo uma pequena loja de máquinas fotográficas. E é aqui que se vê como, se não parecia fadado para vir a ser um herói e mártir gay, tão-pouco parecia estar destinado a ser um político e um activista da igualdade direitos. A sua entrada para a política deu-se, segundo a narrativa da sua biografia, no dia em que um agente do fisco lhe veio cobrar dívidas do seu negócio. Quando concorreu pela primeira vez a um cargo autárquico, Milk fê-lo com uma plataforma de defesa dos direitos dos pequenos comerciantes, bem como com a reivindicação da alteração da lei eleitoral no sentido de permitir a eleição de representantes por bairros e não pela cidade no seu todo. Foi esta política da proximidade, da comunidade, da suspeita em relação ao governo e ao estado que, por assim dizer, conduziu Milk à política sexual – graças à grande transformação que foi o surgimento de um bairro gay e lésbico numa grande cidade.

O facto mais relevante foi o seu estatuto de assumido. Muitas análises sobre a personagem, feitas hoje, parecem esquecer isto – o que até será bom sinal. Mas, escrevendo em Portugal, creio que os leitores percebem bem a importância deste facto: afinal quantos políticos assumidamente gay ou lésbicas temos? O estatuto simbólico de Milk vem daí, de ter sido um político eleito, assumidamente gay e, pela primeira vez, representando uma comunidade, territorial e simbolicamente organizada nas ruas do Castro. Esse facto levou-o a intervir cada vez mais em questões de política sexual, a servir de catalisador para o crescimento exponencial da identidade e intervenção social de gays e lésbicas. Com Milk num cargo público inaugurou-se uma plataforma a partir da qual se podia falar, em plano de igualdade, para todo o país, *politizando* a questão gay e lésbica, contra o *backlash* anti-gay protagonizado pela campanha de Anita Bryant contra a proibição da discriminação com base na orientação sexual. Mas o segundo facto mais relevante terá sido, tragicamente, a sua morte em 1978. Milk foi

assassinado (bem como o presidente da Câmara) por um colega de vereação. Durante o julgamento, velhos argumentos homofóbicos foram usados para desculpabilizar o homicida e banalizar a morte de Milk. O episódio da justificação do aligeiramento da pena com base na suposta influência do excesso de *junk food* pelo assassino nas horas antecedentes ao crime lançaria a cidade numa fúria. São Francisco assistiu a manifestações e motins contra a decisão do tribunal, “investindo” Harvey Milk do estatuto de herói.

Estamos demasiado habituados a representar a experiência gay e lésbica através das figuras da tragédia e da vitimização, por um lado, ou da sublimação pela arte ou pelo prazer, por outro. O gay ou a lésbica internado à força, perseguido e brutalizado por bandos homofóbicos, por um lado; ou a figura de Oscar Wilde ou do hedonista sexual, por outro. Tem-nos faltado a política como esfera simbólica de representação. Sobretudo quando a política é feita, mais do que no domínio do associativismo e do movimento social, no domínio da representação democrática. Ao ocupar um cargo público, enquanto gay assumido, e dando voz e esperança aos gays e lésbicas, Harvey Milk foi um pioneiro. Foi, também, o produto de um meio, o americano, que estimula a política identitária, numa sociedade que se organiza até territorialmente desse modo. E foi alguém que levou para a política um estilo, uma retórica e uma performance com marca gay – Milk era aparentemente brincalhão, mesmo consigo próprio, provocador, irónico, sarcástico – do mesmo modo que Martin Luther King trouxera para a intervenção pública as formas e os estilos afro-americanos de comunidade, sentimento religioso, memória e resistência.

Mas Milk era *um homem normal*, que tinha estudado para professor de liceu, lutara na guerra da Coreia, abria o seu pequeno comércio, combatera os dejectos dos cães enquanto vereador... Como, afinal, o são praticamente todos os gays e lésbicas – homens e mulheres *normais*. Foi provavelmente essa *normalidade* que o matou – esse atrevimento de entrar na esfera pública. Tivesse ficado no “gueto”, negociando a sua marginalidade, e talvez tivesse vivido para presenciar a *débauche* da abolição dos casamentos gay e lésbicos na Califórnia no mesmo dia em que Obama – o outro homem da Esperança – foi eleito.

[miguelva@gmail.com](mailto:miguelva@gmail.com)

miguelvaledealmeida.net

